

SANTOS E S. VICENTE

DE

1868 á 1876

PELO

Dr. Joaquim Antônia Simão Junior,

Socio effectivo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro,
da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, da de Aclimação,
da do Saneamento da Capital do Imperio, e do Instituto da Ordem dos
Advogados Brasileiros, etc., etc.



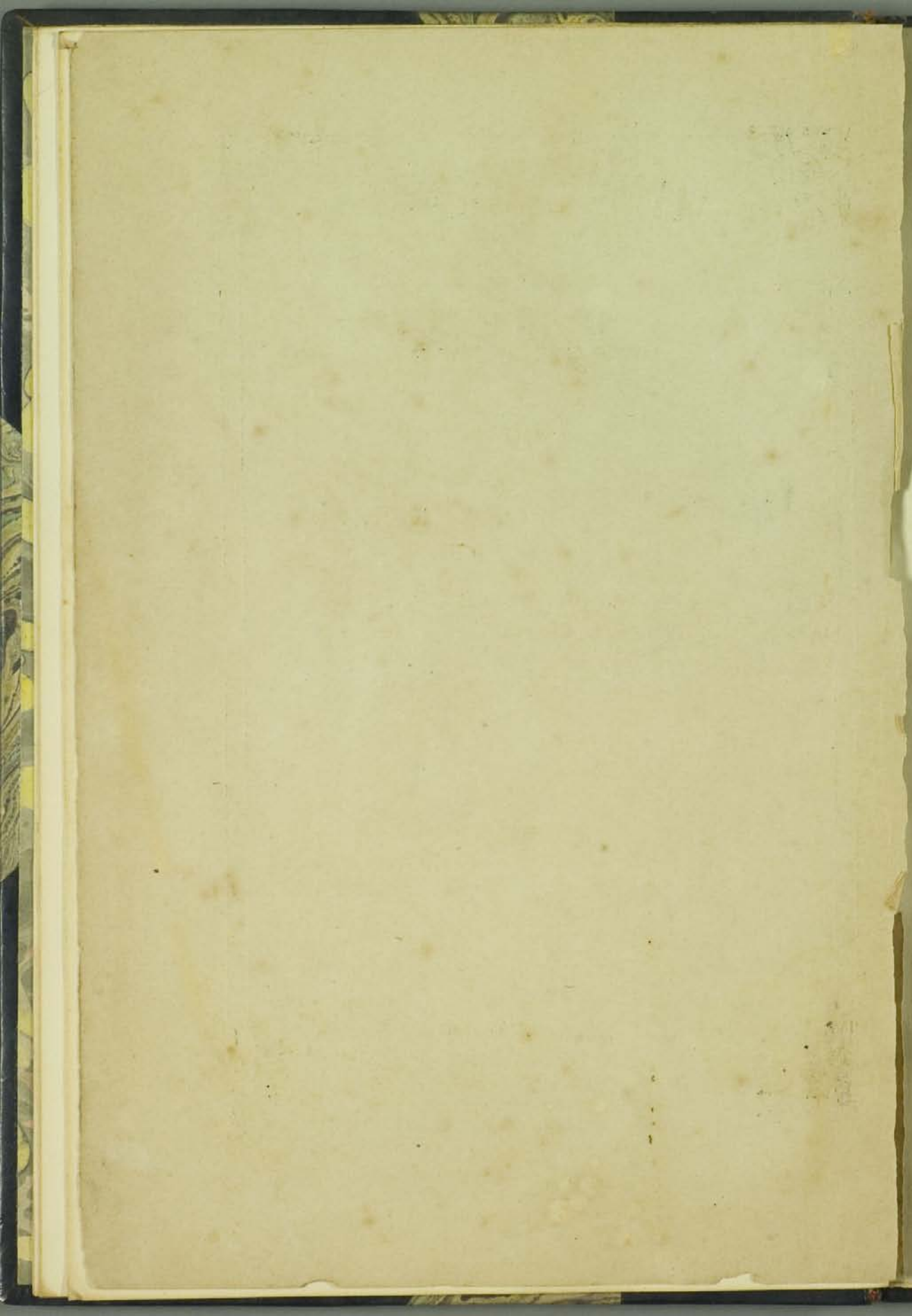
RIO DE JANEIRO.

TYPOGRAPHIA DE DOMINGOS LUIZ DOS SANTOS

44 — Rua de S. José — 44

1877





SANTOS E S. VICENTE

DE

1868 á 1876

PELO

Dr. Joaquim Antonio Simta Junior,

Socio effectivo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro,
da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, da de Aclimação,
da do Saneamento da Capital do Imperio, e do Instituto da Ordem dos
Advogados Brasileiros, etc., etc.



RIO DE JANEIRO.

TYPOGRAPHIA DE DOMINGOS LUIZ DOS SANTOS

44 — Rua de S. José — 44

1877

7536

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

LIBRARY

20

SANTOS E S. VICENTE

DE

1868 á 1876.

Vou narrar perfunctoriamente as impressões que recebi ao voltar depois de oito annos de ausencia á Cidade de Santos e Villa de S. Vicente da Provincia de S. Paulo.

SANTOS

Eu não ignorava que aquella importante Provincia, graças ao patriotismo de seus filhos, caminhava na vanguarda do progresso, e que a iniciativa particular calcando aos pés a rotina e a inercia erguia por toda parte monumentos immorredouros para attestarem de uma vez por todas, que não é aos Governos que se deve exclusivamente o engrandecimento dos povos, e que bem pelo contrario estão elles muitas vezes curvados ao peso do obscurantismo, do patronato e da delapidação de que taes Governos se alimentão e vivem; não fazia porém idéa, de que em tão poucos annos aquella parte da Provincia de S. Paulo, que acabo de visitar, principalmente a velha e arruinada villa de S. Vicente, aquelle monumento palpitante de toda a historia da Provincia, e de uma grande parte da historia do Imperio, surgisse como por encanto de suas ruinas, para ostentar as galas de uma cidade moderna!

Ao transpôr a ilha da Moéla, ávido como estava de contemplar de novo a bella terra dos Paulistas, á que pertenco pela alma e pela affeição, os meus olhos se dirigirão (logo que o vapor montou a Ponta-grossa) para a praia da barra (*Embaré*) antigo recreio dos Paulistas, logar predilecto de seus banhos de mar,

de suas pescarias, e de seus passeios quotidianos na estação calmosa: desde logo comecei á notar que alguns novos e pittorescos edificios tinhão vindo completar aquella já por demais encantadora situação; ranchos de moças a passeiarem pela praia, pavilhões de varias nações desfraldados em diferentes pontos á mercê da brisa suave que nessa hora matinal (6 horas) soprava brandamente agitando jardins naturaes, cobertos de mimosas flôres, que constituem a vegetação expontanea e luxuriosa das duas margens do grande rio, que dá entrada e caminho amplo para a cidade de Santos; todo esse panorama me arrebatava e fazia reviver em minh'alma lembranças dos bellos dias da minha vida de moço!

A praia de *Embaré* de um lado, e do outro a mimosa praia do *Góes* com a sua velha fortaleza e a enfumaçada cortina, formão o largo portão de entrada para essa esplendida zona que se chama Provincia de S. Paulo.

Mais longe na direcção do Sul, ao travez da esbranquiçada espuma das ondas que vão humildes lamber as areias da extensa praia de S. Vicente, eu vi como que surgindo por encanto diante de meus olhos uma nova cidade alva e brilhante com todo o esplendor da mocidade. A velha *S. Vicente* como a *Phenix* da fabula resurgira de suas cinzas, e poucos monumentos restão para attestar a sua antiguidade: desde esse momento resolví consignar um dia para visitar a nova villa de S. Vicente, hoje o *Botafogo* dos Santistas, o recreio de todos os filhos da Provincia que vão ali buscar allivio á seus padecimentos physicos, e encontrão o melhor dos climas, a mais rica das aguas, e sobre tudo o repouso, a tranquillidade de espirito, o silencio e a paz que a civilisação ainda não conseguiu perturbar.

As margens do rio que conduz á cidade de Santos tiverão tambem algumas alteraçõs, pois além do sensível melhoramento dos antigos edificios pela maior parte de pescadores, alguns novos as tem vindo aformosear.

Junto áos *Outeirinhos*, logar notavel, por ter sido em tempos remotos a residencia do venerando José Bonifacio, o Governo Imperial mandou quebrar a pedra, que por duas vezes servio de estorvo á um navio allemão que ali bateu e se damnificou; cumpre notar, que só esse navio, e por duas vezes e sempre o mesmo capitão, ali achou estorvo por ter passado muito á terra, derrota que nenhum outro navio jámais seguira; não era essa por certo uma necessidade imperiosa, porque o canal ali corre ao lado, manso e profundo, offerecendo passagem aos navios de maior callado; entretanto não censurarei essa despeze, porque foi ella um serviço, senão áos nossos pilotos experimentados e activos, ao menos á algum outro piloto allemão que se queira afastar da derrota conhecida e praticada desde o descobrimento daquella barra, em que se póde singrar sem perigo, com bom e máo tempo, e á qualquer hora do dia e da noite.

A cidade de Santos tem recebido sensiveis beneficios, não só da Companhia *Melhoramentos da Cidade de Santos*, á quem ella muito deve, como da iniciativa de outros particulares.

Agua, luz e conducção, são tres elementos indispensaveis para o desenvolvimento de uma povoação, e a Companhia *Melhoramentos da Cidade de Santos*, deu-lhe a illuminação a gaz, que a engrandeceu; deu-lhe o encanamento de aguas potaveis de superior qualidade, notavelmente a da cachoeira de *José menino* até á pouco desaproveitada, não sendo por isso mais necessario que os moradores da praia da barra a vão buscar a mais de uma legua de distancia, ou fação uso da agua de póços, insalubre e deficiente.

A linha de *bonds* para a barra, é ainda um grande beneficio devido á Companhia *Melhoramentos*; ella fez um traçado seu em linha recta da cidade á barra, e as margens desta nova estrada estão já de um e outro lado sendo embellezadas com ele-

gantes edificações ; paga-se por pessoa pelo trajecto em carros commodos e asseitados a modica quantia de 300 rs.

Asseverarão-me, que a linha se prolongará do boqueirão da barra, (actual estação terminal) até frontear a fortaleza, por uma nova rua que se projecta abrir ; sendo assim, os moradores do extremo da praia (que não são em pequeno numero) deixarão de percorrer essa boa meia legua á pé ou á cavallo, gozando tambem este beneficio.

Além do cães que contorna quasi toda cidade, e que muito contribue para melhorar o seu estado sanitario, notei lindos e vistosos predios, melhor calçamento das ruas que erão antigamente paúes infectos impedindo o transito e damnificando a saúde, para cujo melhoramento muito contribuiu a estrada de ferro afastando os classicos burros, unico meio de conducção de passageiros e mercadorias que ali encontrei, quando em 1829 fui para aquella Provincia.

Entre os edificios elegantes que vi, sobresaem o palacete edificado na frente da estação da estrada de ferro, pelo negociante Netto, homem activo e emprehendedor (hoje fallecido); o elegante predio de sua residencia na rua de Santo Antonio ; a casa de Freitas Guimarães na mesma rua ; a casa de Nicoláo Vergueiro ; a do fallecido João Pinto ; o lindo e espaçoso sobrado do Vice-consul Hespanhol o negociante Alfaia Rodrigues ; o de José Ferreira da Silva Braga na rua Direita, e o edificio da Camara no largo da Cadeia. Acha-se ajardinado o largo da Acclamação, bem como parte do largo da Matriz, sendo de lamentar que o não esteja ainda, o da Cadeia, mais espaçoso e mais central.

A casa da Camara e cadeia é um excellente edificio de pedra e cal, com toda a segurança necessaria nas suas prisões, sendo tambem de lamentar que não sejam ellas tão arejadas quanto o de-

vem ser edificios destinados á este mister ; a sala do jury é espaçosa e limpa, mas modestamente mobiliada, contendo duas tribunas para os advogados do tribunal do jury.

Notei ainda um grande beneficio na Cidade de Santos, o escoamento das aguas pluviaes pelo systema de sifões devido áo intelligente engenheiro, proprietario e morador daquella cidade Dr. Chochraue ; já não se encontrão ali as lagoas e os pantanos que apodrecião por toda a cidade áo calor intenso de um sol abrazador, entoxicando com miasmas palustres o ar que se respirava ; após uma trovoadá (que ali são communs, e as vezes respeitaveis) toda a cidade fica lavada, em menos de meia hora secca, e transitaveis as ruas, salvo um ou outro lugar que não está ainda calçado.

Desappareceo da cidade de Santos aquella actividade suja e fedorenta dos burros e negros, sendo substituida por uma actividade mais productiva e menos incommoda a do progresso e da civilisação.

A estrada de ferro firmou para sempre a actividade commercial do principal porto da provincia, e todas as demais estradas que se tem creado, ou se vierem a crear, em vez de diminuir o seu commercio, pelo contrario servirão para augmental-o ; o porto de Santos, será sempre o escolhido para a exportação dos productos agricolas da Provincia, porque sendo o sul e o oeste as zonas mais ferteis e productivas, ellas tomarão sempre na exportação de seus productos a linha ingleza para onde convergem todas as outras estradas. A linha do norte, terá de roubar áo porto de Santos em maxima parte os passageiros, porque o Paulista prefere os maiores sacrificios áo enjão e perigos do mar, e não deixará por certo de aproveitar-se das commodidades de uma viagem até áo Rio de Janeiro sempre em estrada de ferro e em poucas horas ; essa falta porem será compensada pelo acrescimo dos productos agricolas sempre em augmento naquella prospera Provincia, não só pela creação de novos estabelecimentos colo-

niaes e agricolas, como pelo prolongamento das linhas ferreas para o interior, collocando assim os mercados consumidores ao alcance dos productores.

O milho, o feijão, e outros cereaes que erão cultivados nas fertes terras do interior, erão ali vendidos por vil preço por falta de estradas e meios de conducção, e em muitas partes esses productos passavão de um anno para outro, e se arruinavão e perdião; as estradas de ferro porém, e o melhoramento das outras estradas que nellas se entronção, abrirão preço e mercado á todos os productos da Provincia, e esse accrescimo é e será sempre em beneficio do porto de Santos.

A serra de *Paranapiacaba* (Cubatão) que se erguia altaneira como uma muralha impenetravel vedando a passagem para o interior da Provincia; esse obstaculo poderoso, que por tantos annos embaraçou e tolhêo o engrandecimento daquelle solo abençoado, abateu-se diante da alavanca do progresso, e graças aos esforços do Barão de Mauá, Marquez de Monte Alegre, e outros brasileiros distinctos, desapareceo de uma vez para sempre esse obstaculo, com a estrada de ferro de Santos á Jundiahy.

Em 1829 as conducções fazião-se ás costas de burros pela antiga estrada chamada dos Capitães Generaes em substituição á picada dos Jesuitas em que tudo era carregado ás costas pelos indios: mais tarde veio a chamada estrada da *Maioridade* (á qual me oppuz na Assembléa Provincial com todas as minhas forças, porque acreditava na realisação da estrada de ferro e queria poupar á Provincia a despeza inutil de alguns milhares de contos) essa estrada admittio diligencias puchadas á burros, mas ainda assim a viagem era pessima, e o viajante ao aproximar-se do *Cubatão* esmorecia só com a ideia de ter de transpor aquella mole immensa que parecia insuperavel; antigamente essa viagem se fazia de Santos á Capital em tres dias para viandantes, e em cinco dias (quando muito feliz) para cargas; hoje em pouco mais de duas horas, passageiros e cargas são transportados de

Santos á capital, os passageiros em carros commodos e até de luxo, e as cargas bem acondicionadas e livres das chuvas torrencias que as deteriorávão, e dos classicos caldeirões, onde burros e cargas muitas vezes erão literalmente sepultados na lama.

Começão na cidade Santos as obras para o novo edificio da Alfandega contractadas pelo Governo Imperial segundo me affirmarão pela elevada quantia de 700:000\$000 rs. Esta obra consistirá apenas em alguns armazens terreos, e um pequeno sobrado no centro (especie de sotão) em que deve funcionar a repartição ; dizem-me pessoas entendidas, que para tal obra poderão despende-se ao muito 300:000\$000 rs. !

Não sou daquelles que entendem que os que contractão com o Governo devem perder ; pelo contrario penso que os empresarios devem lucrar, mas realmente se o lucro neste caso é de 400:000\$000 rs. em 700:000\$000 rs. parece-me por demais exagerado, mas nem assim me atrevo a censurar o governo, pois está o facto de accordo com a cartilha conservadora — Matheus, primeiro os teus!

Penso que o antigo palacete não devêra ser demolido, como o está sendo, para a nova obra da alfandega; seria ella melhor realizada em outra parte, por exemplo, no arsenal de marinha, especie de barracão que para nada presta, e o antigo palacete podia ser aproveitado para a escola dos menores marinheiros, que ali está em um edificio terreo, humido e sem as necessarias commodidades, que o governo mandou alugar por largo preço, sendo ainda necessario despende dezenas de contos para apropriá-lo á esse mister, quando elles se achavão, por menos preço, mais bem accomodados no sobrado do negociante Alfaia Rodrigues; mas ainda este facto vai de accordo com a cartilha conservadora; o dono do predio em que actualmente existem, tinha de retirar-se de Santos, e era forçoso crear para elle no aluguel deste predio um pingue rendimento. Desgraçado paiz,

em tudo em que entra o dedo do governo imprime-se logo o timbre do escandalo e do patronato!

Enquanto o paternal governo deste abençoado paiz, esbanja com mãos largas centenas e milhares de contos, que poderiam ser melhor aproveitados, por outro lado, mesquinho e avarento, deixa definhar na miseria, no abandono e no desprezo o pobre empregado publico, quando não tem este a felicidade de distinguir-se por alguma façanha eleitoral, porque então recebe larga recompensa nesses favores á que o povo dá o nome de *patôtas!*

A alfandega da cidade de Santos todos os dias vê os seus rendimentos augmentados em proveito do estado; esse augmento é conseguido á custa do accrescimento de serviço, de sacrificios e de responsabilidade de seus empregados; mas não lembrou-se ainda o governo de melhorar-lhes a sorte, pois se em uma decantada reforma elevou a cathegoria daquella alfandega, por outro lado fez tal moxinifada de quotas e de empregados, que perdêrão elles parte de seus vencimentos anteriores, o que se deu tambem na alfandega da côrte e em todas as outras do Imperio!

E tudo isto se passa em presença, e por delegação dos *pseudo-representantes* da nação, porque neste paiz não havendo eleições, como não ha, não pôde haver deputados, mas simplesmente creaturas do governo, sustentadas nas urnas eleitoraes pelos seus capangas e capoeiras, e depuradas nas ante-salas da *cadeia velha* por espoletas escolhidos á dedo para essa depuração torpe, vil e miseravel!

S. VICENTE

Esta povoação foi primitivamente levantada em terreno que o mar conquistou de novo, fazendo-a desaparecer completa-

mente, pelo que em 1542 se tratou de fazer nova casa para o conselho, e em 1545 deu o povo faculdade aos camaristas para mandarem fazer nova igreja, por ter a primitiva tido a mesma sorte da casa do conselho; do archivo da camara, cad. de vereaa... anno de 1542, consta que se levou em conta ao procurador do conselho a quantia de 550 rs. gastos em tirar do mar os sinos e pelourinho, sendo 300 rs. á Jorge Mendes, 20 rs. da conducção do pelourinho para a nova villa e 230 rs. á Jeronymo Fernandes por ter fornecido a pedra, barro e agua para se levantar o novo pelourinho (1). São, portanto, as actuaes casa da camara e igreja matriz mais modernas do que a primitiva povoação de S. Vicente que, como fica dito, foi engolida pelo mar, construindo-se a nova villa em 1545.

São os Paulistas descendentes da mais nobre estirpe Portugueza. Frei Gaspar da Madre de Deos assim se exprime: « A nobreza com que Martin Affonso povoou S. Vicente, foi mais numerosa, e mais distincta do que suppoem até os mesmos que della descendem. »

O fidalgo Portuguez Martin Affonso de Souza, donatario da Capitania de S. Vicente, vinda povoar os seus dominios da nova Lusitania, foi acompanhado por uma pleiade brilhante de fidalgos, parentes seus e amigos, que o seguirão ao novo continente e dessa pleiade surgirão as importantes familias paulistas, cujas

(1) Ainda ha bem poucos annos foi desenterrado das areias do mar, em uma baixa maré, o pedestal de pedra e cal da primeira cruz levantada no adro da primitiva igreja com um pedaço da mesma cruz engastado no pilar, de canella preta, completamente conservado apezar dos seculos decorridos. Esse monumento, e o documento assignado pelos homens mais velhos e respeitaveis do lugar, foi colligido por meu prezado irmão João Pereira Pinto, quando ali se achou em commissão do governo examinando o archivo da camara daquella villa, e remettido depois ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro pelo socio effectivo o brigadeiro José Joaquim Machado de Oliveira, segundo consta das Revistas do mesmo Instituto.

genealogias forão com tanto acerto, desenvolvidas pelo litterato Pedro Tâques de Almeida Paes Leme.

Não apontamos este facto, porque liguemos grande importancia a serem os paulistas descendentes de fidalgos ou plebeos, mas para não deixar passar a calumniosa asserção dos Jesuitas Vaissette e Charlevoix, que os dão oriundos de malfeitores e ladrões tirados das prisões de Portugal, para virem povoar a America.

Estes Jesuitas, affeiçãoados ás missões hespanholas do Paraguay, não podião ver com bons olhos, a nobre altivez, a gallardia mesmo com que os paulistas cumprirão o decreto de D. José I mandando expellir a nefanda ordem dos Jesuitas dos dominios portuguezes na America. Em resposta a essas falsas asserções dos fanaticos e calumniadores Jesuitas, diremos ainda, que quando mesmo fossem os paulistas descendentes de piratas e ladrões, tinham um simile na cidade de Roma incontestavelmente iniciada por salteadores, o que não impedio que fosse mais tarde a séde da cadeira *infallivel de S. Pedro*, e por isso o lugar escolhido para a reunião do *sagrado conclave*!

Ao fallar da antiguidade desta povoação não posso deixar de referir um facto ali acontecido em 1564 com Balthazar Ferreira, filho do capitão da mesma capitania, em relação á morte de um monstro marinho, cuja descripção se encontra no tomo 21 das Revistas do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, na historia da provincia de Santa Cruz, escripta por Pero de Magalhães Gandavo, á pag. 408 do referido tomo.

«Na capitania de S. Vicente, sendo já alta noite, á horas em que todos começavão de se entregar ao somno, acertou de sahir fóra da casa uma india e crava do capitão: a qual, lançando os olhos á uma varzea que está pegada com o mar, e com a povoação da mesma capitania, vio andar nella um monstro, movendo-se de uma parte para outra, com passos e meneos desusados, e dando alguns hurros de quando em quando, tam

feos, que, como pasma-la e quasi fóra de si, se veo ao filho do mesmo capitam, cujo nome era Balthazar Ferreira, e lhe deu conta do que vira, parecendo-lhe que era alguma visão diabolica. Mas como elle fosse homem não menos desusado que esforçado, e esta gente da terra seja digna de pouco credito, não lho deu logo muito á suas palavras, e deixando-se estar na cama a tornou outra vez a mandar fóra, dizendo-lhe que se affirmasse bem no que era. E obedecendo a india a seu mandado foi; e tornou mais espantada, affirmando-lhe e repetindo-lhe, uma e outra vez, que andava ali cousa tam fea, que nam podia ser senam o demonio. Entam se levantou elle muy depressa, e lançou mão a uma espada que tinha junto de si. com a qual botou somente em camisa pela porta fóra, tendo pera si (quando muito) que seria algum tigre, ou outro animal da terra conhecido, com a vista do qual se desenganasse do que a india lhe queria persuadir. E pondo os olhos naquella parte que ella lhe assignalou, vio confusamente o vulto do monstro ao longo da praia, sem poder divisar o que era, por causa da noite lho impedir e o monstro tambem ser cousa nunca vista, e fóra do parecer de todos os outros animaes. E chegando-se um pouco mais á elle, para que melhor se podesse ajudar da vista, foy sentido do mesmo monstro: o qual, levantando a cabeça, tanto que o vio, começou a caminhar para o mar, donde viera. Nisto conheceu o mancebo que era aquillo cousa do mar, e antes que nelle se mettesse acudio com muita presteza a tomar-lhe a dianteira. E vendo o monstro que elle lhe embargava o caminho, levantou-se direito para cima como um homem, fincado sobre as barbatanas do rabo, e estando assi a par com elle, deu-lhe uma estocada pela barriga, e dando-lha no mesmo instante se desviou para uma parte, com tanta velocidade que nam pôde o monstro leva-lo debaixo de si, porém nam pouco affrontado, porque o grande torno de sangue que sahio da ferida lhe deu no rosto com tanta força

que quasi ficou sem vista. E tanto que o monstro se lançou em terra deixa o caminho que levava, e assi ferido hurrando com a boca aberta sem nem um medo, remetteu á elle, e indo para o tragar á unhas e á dentes, deu-lhe na cabeça uma cutilada muy grande: com a qual ficou já muito debil, e deixando sua vã porfia tornou então a caminhar outra vez para o mar. Neste tempo acudirão alguns escravos áos gritos da india que estava em vela; e chegando á elle o tomárão todos já quasi morto, e dali o levárão dentro da povoação, onde esteve o dia seguinte á vista de toda a gente da terra.

«Este monstro tinha segundo se refere quinze palmos de comprido e semeado de cabellos pelo corpo, e no focinho tinha umas sedas muy grandes como bigodes. Os indios da terra lhe chamão *Hipupiára* que quer dizer demonio d'agoa.»

Recordo-me de ter lido na Revista da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional alguma cousa a respeito deste mesmo facto acontecido na villa de S. Vicente, e sinto não ter agora á mão a collecção dessa Revista para transcrever tambem o que ali se disse a respeito. O estudo deste animal, tão singular e desconhecido, talvez fosse de grande alcance para o estudo das sciencias naturaes, lamento pois que o atrazo da época não permittisse ser aquelle animal conservado para figurar no nosso museo nacional.

A pequena villa de S. Vicente, que conheci desde 1829, e que tive occasião de visitar por muitas vezes durante os quarenta annos que residi naquella bella provincia, éra então a aglomeração de pequenos casebres, mal construidos, e quasi em completa ruina, tendo apenas uma rua regular, a que passa pela frente da egreja matriz, e essa mesma com poucas casas e no mesmo estado de ruina.

Hoje está ella dividida em quarteirões regulares, com ruas espaçosas, e em todas ellas se notão modernas, seguras e

elegantes casas, pintadas no gosto moderno e forradas de papel, tendo algumas na frente lindissimos alegretes e jardins.

A rua do Porto é uma sequencia de casas todas novas e mais ou menos elegantes; os predios, porém, que attrahirão mais a minha attenção forão as bellissimas chacaras de Bento Vianna e capitão Gregorio Innocencio de Freitas; são dous predios dignos de figurar no mais rico e aristocratico bairro da côrte, o *Botafogo*.

S. Vicente surgio como por encanto de suas proprias ruinas, e isto em poucos annos, depois de seculos de apathia e completo abandono, e se não fosse a pessima qualidade de seu porto, que se não presta a dar passagem a navio algum, obsruído e arruinado como completamente se acha, seria S. Vicente uma rival perigosa para a cidade de Santos.

S. Vicente não é hoje apenas uma villa, mas uma pequena cidade elegante e moderna; entretanto, assim como me oppuz na assembléa provincial á que fosse ella rebaixada de cathegoria na época de sua decadencia, assim tambem oppor-me-hia hoje á que fosse elevada á cidade; ella deve conservar a cathegoria e denominação por que é conhecida na nossa historia patria, em que representa o mais importante papel. A capital da Hespanha é até hoje a villa de Madrid, de que muito se ufana!

Ha em S. Vicente, na rua que passa por traz da igreja matriz, um pequeno predio despido de todo rebóco, quasi em pedra secca, fendido e partido no angulo frontal direito pelas raizes de uma figueira brava que ali nasceu; este predio, cuja porta é estreita e baixa, cujas janellas não tem mais de tres palmos de altura e dous de largura, affirma a tradição que fôra a residencia do primeiro capitão-mór de S. Vicente. Quizera que a civilisação moderna respeitasse este monumento da antiguidade, e o conservasse intacto para servir de contraste com as modernas habitações; á porta desta casa, se tal nome se lhe pôde dar, estava sentada uma parda velha cercada de

creanças, a qual se não tem mais de cem annos deve andar por muito perto delles.

— Quer vender esta casa, senhora? perguntei-lhe eu.

— Não, senhor (respondeu-me ella com máo modo). Esta casa não se vendel

Disserão-me então que entre os velhos moradores de S. Vicente (que são já muito poucos) e os novos e garridos habitantes que a vierão restaurar, ha uma grande rivalidade, chamando estes áquelles de *calungas*, e mostrando-se aquelles muito descontentes com esta invasão que reputão peor do que a dos gafanhotos, porque veio tirar-lhes todo o prestigio e importancia; na realidade, a nova camara eleita é hoje composta de cidadãos prestigiosos e importantes, todos emigrados da cidade de Santos; a essa rivalidade, pois, attribuo eu a promptidão e o azedume da resposta da velha. Deos conserve os dias dessa veneranda mãe de familia, porque ao menos enquanto ella viver a antiga casa do primeiro capitão-mór se conservará intacta.

A conducção para S. Vicente é servida por uma linha de bonds (bitola larga) de que é empresario o intelligente e laborioso allemão Jacob Emerick; paga-se por pessoa 400 rs. em carros espaçosos e decentes; ha viagens regulares durante o dia, e até certa hora da noite, e passada essa hora ainda ha o recurso do bond especial pelo qual se paga 15000, de fórma que a habitação em S. Vicente é perfeitamente aproveitada pelos santistas, que ali vão encontrar um clima superior, e todos os commodos da vida.

Os arrabaldes de S. Vicente são agradaveis, e encontrão-se a pequena distancia curraes de peixe e estabelecimentos de pesca, a qual é ali abundantissima, sendo entre outros notavel o do portuguez *Salta* no lugar denominado *Barreiros*.

As montanhas proximas á villa, de um esplendido verde-esmeralda, de uma primavera continua, estão cobertas do

saboroso palmito conhecido pelo nome de *Gerivó*, e de outro, não menos saboroso, porém amargo, denominado *Guariróba*, além do palmito commum, chamado palmito doce; as varzeas são ricas de baunilha, bem como o são as da praia de *Embaré*, mais conhecida por praia da barra, e encontram-se nellas as mais lindas e variadas orchidéas (parasitas), principalmente *Cattleyas* e *Oncideums*, de um esplendor admiravel, incluindo nesse numero a tão estimada *Cattleya labiáta*, oriunda do Brazil e á que o Dr. Lindley dá tão merecidamente o titulo de rainha das *Orchidéas*.

A familia das *Bromelaceas* é ali numerosa e variada, desde o ananaz bravo, ostentando os mais vistosos fructos, até os mais delicados exemplares simulando artefactos de tartaruga.

Ao sul de S. Vicente corre a longa praia que conduz á decadente villa da *Conceição de Itanhaem*; agora que aquella surgio de suas ruinas para ostentar galas e esplendores, por que não ha de estender a mão á sua irmã de infelicidades e ergue-la do abatimento á que chegou pela inercia e pelo abandono?!

As terras da *Conceição* são ricas e opulentas, seus moradores intelligentes e laboriosos, mas falta-lhes uma estrada, carecem de um porto.

Em 1836 publiquei com o titulo — *Uma Excursão á Comarca d'Iguape* — um opusculo em que á paginas 10 se lê o seguinte:

«Em nosso humilde entender o unico meio seguro de offerecer aos moradores da *Conceição* uma estrada franca para os seus productos, é fazer uma ponte, ou antes estabelecer uma balsa do rio de S. Vicente para o sitio do Bastos, onde a distancia é apenas de 150 metros, pois assim os productos da *Conceição* poderão ser transportados em carros facilmente até á cidade de Santos; e nem se diga que seria este trajecto demasiado longo, pois os boisinhos da *Conceição* e de *Piassabussú*, de pequeno tamanho e insignificante figura, arreitados de cipós e embiras,

são de uma incrível robustez, e não ha carga ou distancia que os faça desacoroçoar.

«Qualquer sacrificio que se fizesse para pôr aquella povoação em communicação com o porto de Santos seria largamente recompensado pelos immensos productos que d'ali poderão ser levados áquelle porto.

«Os rios Preto, Branco, Aguapiú e Maubú tem em suas margens terrenos fertilissimos para a cultura do arroz, milho, feijão, mandioca e algodão; mas como aproveitar esses terrenos, se não ha uma barra segura, e em consequencia faltão navios para o transporte?»

Agora, que a villa de S. Vicente prospéra á olhos vistos, parece ter chegado a occasião azada de pô-la em communicação com a Conceição de Itanhaem, removendo pela construcção de uma boa ponte no logar designado o unico obstaculo serio que se oppõe á essa communicação.

CONCLUSÃO

Santos é para mim o logar da provincia de S. Paulo de mais agradaveis recordações; ali conheci eu pela primeira vez os meus velhos e estimaveis amigos Martim Francisco e Antonio Carlos. O primeiro possuia o saber alliado á prudencia; o segundo o saber de mãos dadas com a eloquencia arrebatadora de um orador sem igual.

A amizade desses dous venerandos vultos de nossa patria eu a cultivei com esmero emquanto vivos forão, e a lembrança della é ainda hoje para mim um incentivo poderoso, um motivo de ennobrecido orgulho!

Foi em Santos que em 1863, de viagem para a côrte, eu fui sorprendido pela triste noticia da questão ingleza; o meu coração de Brasileiro encheu-se da mais viva indignação, e immediatamente publiquei na typographia commercial do

Dr. Guilherme Delius — O CABOCLO, pequena folha destinada a defender nessa emergencia a honra nacional tão covardemente ameaçada. Dous vultos gigantes se erguêrão para auxiliar-me em tão nobre empreza, o Dr. Joaquim Xavier da Silveira e L. Nicolau Fagundes Varella. (1)

AO DISTINCTO PATRIOTA THEOPHILO BENEDICTO OTTONI

Salve, oh soldado valente,
Brazileiro intelligente,
Campeão da liberdade;
Tu és a estrella argentina,
Que no céu se descortina
— Caminhando á eternidade!

Ha pouco ousados Bretões,
Fundados nos seus canhões,
Insultárão nossa terra:
Então tua voz eloquente,
Foi ouvida fortemente
Como o trovão junto á serra!

Brazileiros offendidos,
Se mostrarão destemidos
Na hora da effervescencia...
Fallaste, e foste escutado
Por um povo denodado
Que louvou tua prudencia.


(1) Escolhi duas mimosas poesias das que publicárão no «Caboclo» estes dous genios, que o Brazil perdeu ainda no verdor dos annos, para com ellas amenisar a esterilidade deste meu humilde trabalho.

Teus inimigos, ha pouco,
Dizião qu'eras um louco
Demagogo, incendiario;
Tudo porém se mudou,
Desde que ao longe soou
Do perigo o campanario!

Tal é, soldado valente,
Da verdade a luz potente
Que illumina á um liberal!
Não curves, não, essa fronte,
Que é vasto o bello horizonte
Desta terra de Cabral.

S. Paulo, 27 de Janeiro de 1863.

J. X. Silveira.



CANTO DO SERTANEJO

Salve, oh florestas sombrias,
Salve, oh broncas penedias
Onde as rijas ventanias
Murmurão féra canção,
Nas sombras deste deserto,
Do norte ao rude concerto,
Sentado de Deos tão perto.
Quem é que teme o Bretão?

Cobre-se a selva de flores,
Brincão volateis cantores
Bebendo os langues odores
Que passão na viração,
Rugem cavernas frementes,
Silvão medonhas serpentes,
Bradão raivosas torrentes,
Quem é que teme o Bretão?

Ah! correi, filhos das mattas,
Atravez das cataractas,
Entre suaves cantatas
Ao genio da solidão,
Cuspi nos dias escassos,
Rompei os imigos laços,
Não tendes dous fortes braços,
Quem é que teme o Bretão?

Loucos! nas fundas clareiras
Aos urros das cachoeiras
Nas brenhas das cordilheiras,
Feia morte encontrarão!
Quem tem do ermo as grandezas,
As serras por fortalezas,
Não teme as loucas bravezas
Do temerario Bretão!

D'aqui decide-se a sorte,
D'aqui troveja-se a morte,
D'aqui se extingue a cohorte
Que insulta a brava nação!...
Gritos das selvas, dos montes,
Dos matagaes e das fontes
Retumbão nos horizontes,
Quem é que teme o Bretão?

Salve! oh florestas sombrias,
Salve! oh broncas penedias
Onde as rijas ventanias
Perpassão varrendo o chão,
Neste profundo deserto
De negros antros coberto,
Sentade do Deos tão perto,
Quem é que teme o Bretão?

L. N. F. Varella.

Descansão todos na mansão dos justos! Os dous primeiros reclinárão as cabeças venerandas ao peso das fadigas de um longo viver de lutas gloriosas, depois de terem inscripto seus nomes nas paginas da nossa historia patria!

Os dous ultimos, no verdor dos annos, regorgitando de seiva, na primavera da existencia, tombárão feridos pelo raio da adversidade; mas tinhão vivido bastante para se tornarem conhecidos e conquistarem o amor e a veneração de seus contemporaneos!

L. N. F. Varella recebeu depois de morto as demonstrações de apreço da capital do Imperio; Joaquim Xavier da Silveira descansa na terra querida que lhe acendeu o lume da alma, e a inscripção que seus patricios traçarão sobre a louza que lhe cobre os despojos mortaes é uma prova do apreço em que o tinhão, e da dôr pungente que sentirão ao perdê-lo.

Dr. Joaquim Antonio Pinto Junior.

